

HONRA ULTRAJADA: O NARRADOR EM “DUELO”

Gilberto de Sousa Lucena¹

RESUMO: Este artigo é uma abordagem sobre o foco narrativo no conto “Duelo”, de João Guimarães Rosa, com ênfase nas estratégias para provocar suspense e no comprometimento do narrador com alguns valores éticos e morais relacionados à cultura popular que caracterizam o universo dos personagens representados na trama analisada.

Palavras-Chave: Conto; Cultura Popular; Foco Narrativo.

ABSTRACT: This article is an approach focused on the narrative story in "Duel" by João Guimarães Rosa, with emphasis on strategies to bring about suspense and the commitment of the narrator with some moral and ethical values related to popular culture that characterize the universe of characters represented in the frame examined.

Keywords: Short Story; Popular Culture; Focus Narrative.

1. “O começo de tudo”

Na trama do conto “Duelo”, inserto no livro *Sagarana*² de João Guimarães Rosa (1908-1967), o narrador ao iniciar seu discurso tecendo seguros comentários sobre a origem do capiau Turíbio Todo, sua profissão e algumas características físicas do personagem, chega a afirmar categoricamente que “no começo desta estória, ele [Turíbio Todo] estava com a razão” (D, p.139).

À maneira de um fabulista que de certa forma antecipa para o leitor, já no começo da estória,³ elementos importantes do seu enredo o narrador – demonstrando perfeita onisciência – se revela sabedor do que ocorrera ao personagem. Por essa razão insiste em afirmar:

Assim, pois: de qualquer maneira, nesta história, pelo menos no começo – e o tempo é tudo – Turíbio Todo estava com a razão. (D, p.140).

Até então o leitor nada pode saber a respeito do que começa a ser antecipado pela voz que narra. Ao proceder dessa forma – anunciando que “pelo menos no começo” da história “Turíbio Todo estava com a razão” – o narrador acaba por utilizar, de modo eficiente, a técnica de aguçar a nossa curiosidade em relação aos fatos ocorridos com o personagem.

¹ Mestre em Literatura Brasileira / UFPB.

² ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 9ª Edição (Póstuma). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967, pp.139-168. (Coleção Sagarana, 1).

³ Aqui o termo “estória” aparece sempre relacionado com a oralidade; enquanto “história” com as acepções de trama, conto ou narrativa de um modo geral.

Depois de afirmar que “o começo é tudo”, passa a relatar as circunstâncias que permitiram ao personagem “seleiro” encontrar sua esposa, Dona Silivana, “em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos” (D, p.141). Tal flagrante só fora possível porque, ao sair de casa “cedo para pescar”, Turíbio Todo “avisara à mulher que não viria dormir em casa” (D, p.140). Tendo mudado de idéia “sem contra-aviso à esposa” – o que o narrador, de forma ostensiva, acha “bem feito!” – acaba por encontrá-la em regalo amoroso com Cassiano Gomes.

Como o começo da história “é tudo”, segundo tese do próprio narrador, temos – então no seu princípio – a existência do fato (o adultério propriamente dito) desencadeador do motivo central da trama: um duelo que irá ocorrer entre as partes envolvidas. No caso Turíbio Todo e Cassiano Gomes, devido às razões que – em se tratando da cultura popular e dos seus valores éticos e morais – podemos prever: desrespeito a uma espécie de “código de honra” definidor da comunidade enfocada no conto.

2. O narrador, o suspense e os valores da cultura popular

Atestando ser a narrativa “verídica”, o narrador ainda pede “perdão” ao leitor por referir-se ao adultério como o “mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos”. Essa postura acaba refletindo uma faceta daquele previsto procedimento do homem popular de pedir “licença” para proferir alguma palavra tida como imprópria ou desmerecida por seu ouvinte.

Sem falar que, assim procedendo, o narrador – além de assinalar de modo ostensivo sua presença no nível da enunciação – ainda deixa transparecer a atribuição a ele conferida como também componente do universo cultural aqui representado. Esse fato é – a nosso ver – corroborado por sua seguinte afirmação a respeito do impróprio flagrante dado por Turíbio Todo em relação ao bastardo casal formado por Dona Silivana e Cassiano Gomes:

Todavia, como o bom, o legítimo capiau, quanto maior é a raiva tanto melhor e com mais calma raciocina, Turíbio Todo dali se afastou mais macio ainda do que tinha chegado, e foi cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria. (D, p.141).

Como nos é possível constatar neste excerto, o narrador acaba como que “se traindo” enquanto provável membro do universo popular enfocada na medida em que confirma, de forma categórica, uma peculiaridade do comportamento do homem matuto “bom” e “legítimo”.

Embora culto, conforme marcas do seu discurso ao longo de toda a narrativa, esse mesmo narrador encontra-se constantemente a fornecer ao leitor informações acerca da vida do ambiente focalizado com riqueza de detalhes, o que certamente envolve um particular conhecimento – da sua parte – do universo rural representado no conto. Tais informações servem, de modo indubitável, aos seus propósitos de estabelecer suspense através do retardamento do desfecho da trama.

No conto “Duelo”, esse processo de adiamento do clímax ou do desfecho da narrativa dá-se de modo a tornar explícito ao leitor o aspecto da ambigüidade em relação à fala do narrador. Senão vejamos: nessa “comprida complicação” envolvendo um “jogo dos demônios” entre as partes (conferir D, p.142), o narrador ora se esforça em “abreviar” suas explicações a respeito dos acontecimentos, sempre sugerindo ao leitor certo interesse na agilização das ações e ocorrências descritas (cujo objetivo maior nos parece ser o do aumento da tensão no conflito); ora se interessa em fazer “comentários” mais prolongados acerca de elementos que, à primeira vista, pouco ou quase não se relacionam com a trama.

Em se tratando do primeiro caso – ou seja, da idéia de agilização nas ações e ocorrências descritas pelo narrador – merecem destaque as seguintes passagens da narrativa:

1. A respeito de que Turíbio Todo trabalha “com gosto, compondo urdidos planos de vingança”:

E pois, no outro dia, voltou para casa, foi gentilíssimo com a mulher, mandou pôr ferraduras novas no cavalo, limpou as armas, proveu de coisas a capanga, falou vagamente numa caçada de pacas, riu muito, se mexeu muito, e foi dormir bem mais cedo do que de costume. E isso foi na quarta-feira. Quinta-feira pela manhã... (D, p.141).

2. Momento da morte de Cassiano Gomes:

Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o céu. (D, p.163).

Em ambos os excertos nos é possível constatar a importância de seus significados na construção do conflito. No primeiro caso, o narrador preocupado em marcar o tempo descreve-nos “os preparativos” de Turíbio Todo (ver D, p.142) na urdidura de seus “planos de vingança” (D, p.141). Esse momento inicial da narrativa torna-se decisivo, na medida em que temos aqui a resolução de Turíbio Todo pelo embate que irá ocorrer posteriormente, portanto o motivo central da trama.

No mesmo sentido, Cassiano Gomes que, ao saber da decisão do personagem Timpim Vinte-e-Um em vingar a morte do irmão Levindo, morre feliz, como que sela de forma definitiva o acontecimento do duelo, em decorrência da promessa cumprida de vingança lhe feita pelo capiau Vinte-e-Um em seu leito de morte.

Nos trechos citados, o narrador parece querer sugerir – pela sucessão apressada de ações ou situações descritas (atentar, especialmente, para a exaustiva enumeração de verbos) sempre constituindo orações coordenadas (parataxe) – o aumento da tensão narrativa através da supressão de maiores comentários, a seu ver desnecessários ao prolongar da cena (pelo menos nesses dois momentos decisivos da trama).

Tal procedimento não pode ser constatado nas outras ocasiões em que, conforme já dito, nos é flagrante a decisão do narrador em retardar o clímax do conto com digressões na nossa ótica conscientemente inseridas em forma de catálise, a respeito de assuntos diversos quase ou nada relacionados com o fato a ser consumado do duelo.

Essa postura narrativa dúbia no encaminhamento dos acontecimentos vinculados com o enredo da estória nos dá conta da complexa ambigüidade do seu narrador que, a todo momento, utiliza-se de recursos ou mecanismos para “suspender” as ações tencionando, com o adiamento do desfecho, instigar a tensão na narrativa e a curiosidade do leitor⁴. A esse respeito, são significativas as suas seguintes falas:

1. Turíbio não era mau atirador; baleou o outro bem na nuca. (D, p.142).
2. Fugindo, Turíbio Todo levava aparentemente desvantagem. Mas Cassiano fiava muito pouco nessa correria, porque a qualquer momento a caça podia voltar-se, enraivada; e vem disso que às vezes dá lucro ser caça, e quem disser o contrário não está com a razão. (D, p.144).
3. E, desse jeito, visto que Turíbio Todo talvez fosse ainda mais ladino e arisco, durante dois meses as informações foram vasqueiras e vagas, e nunca se soube bem por onde então eles andaram ou por quais lugares foi que deixaram de andar. (D, p.145).
4. Mas eram péssimos os voluntários do serviço de informes, e, perto do Saco-dos-Cochos, eles cruzaram, passando a menos de quilômetro um do outro, armados em guerra e esganados por vingança. (D, p.145).
5. [...] e, se parassem e pensassem no começo da história, talvez cada um desse muito do seu dinheiro, a fim de escapar dessa engroga, mas coisa isso que não era crível nem possível mais. (D, p.146).

Além de promover a já referida tensão narrativa através da criação de suspense, o narrador nos cinco trechos citados ainda utiliza-se – de forma indiscutivelmente ambígua – da estratégia de se fazer parecer ao leitor ora como ser de pouco domínio ou conhecimento em relação aos mínimos fatos da trama, ora como onisciente conhecedor dos detalhes referentes ao conflito propriamente dito entre os dois personagens. É interessante destacar que essa ambigüidade no nível da postura narrativa é reforçada até pelo teor das informações fornecidas por sua voz.

De modo categórico, alterna afirmações que envolvem imprecisão ou incerteza com seguras convicções⁵ atestadas até do ponto de vista espaço-temporal.

⁴ Sentido de “suspense” descrito por GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991, p.95. (Série Princípios, 2).

⁵ A esse respeito, também considerar as seguintes afirmativas do narrador em “Duelo”: “Então Cassiano trocou pela segunda vez de montada [...]” (D, p.147). Se referindo a Turíbio Todo: “[...] montou e bateu para as Lajes, onde um fazendeiro lhe exibiu, já nédio e refeito das marchas forçadas, o baio-calçado, segundo animal usado por Cassiano” (D, p.147). “Também Turíbio Todo já usava a esse tempo a quarta ou quinta cavalgada [...]” (D, p.147). “E continuou o longo duelo, e com isso já durava cinco ou cinco meses e meio a correria, monótona e sem desfecho” (D, p.148).

Atentemos para a seguinte situação: quando se refere ao homem baleado por Turíbio Todo “na nuca” como “o outro”, o narrador acaba por instigar a curiosidade e dúvida no leitor nesse primeiro momento para, só em seguida, revelar que houvera “um pequeno engano, um contratempo de última hora” que iria colocar “dois bons sujeitos, pacatíssimos e pacíficos, num jogo dos demônios, numa comprida complicação”. Isto porque, “iludido por uma grande parecença e alvejando um adversário por detrás”, Turíbio Todo “eliminara” não Cassiano Gomes, mas sim seu irmão Levindo que “por sinal” – segundo nos informa o próprio narrador com absoluta segurança – “detestava mexida com mulher dos outros” (D, p.142).

Em alguns dos excertos destacados também nos é permitido identificar afirmações categóricas, plenas de convicção do narrador. Ao assegurar – por motivo explicado – que “às vezes dá lucro ser caça”, não tendo “razão” quem afirma “o contrário”; bem como ser inacreditável e impossível que Turíbio Todo e Cassiano Gomes voltassem atrás em sua decisões de vingança, o narrador também afirma com veemente certeza que “durante dois meses” as informações sobre o paradeiro dos dois homens “foram vasqueiras e vagas”.

Mas, de modo surpreendente, logo em seguida assegura-nos que “perto do Saco-dos-Cochos, eles cruzaram, passando a menos de quilômetro um do outro”. Como se vê, em sua narração encontram-se representados dois pontos de vista contrastantes que, na nossa compreensão, constituem estratégia da voz narrativa com vistas à consecução de seu maior objetivo: ao nosso ver, o de sempre procurar prender a atenção do leitor.

Lembremos que, conforme já dito, no início da narrativa a voz que narra faz questão de afirmar e reafirmar que “pelo menos no começo [...] Turíbio Todo estava com a razão”. Temos, já no princípio do conto, a construção de uma estratégia de estímulo, por parte do narrador, à curiosidade de quem o lê. Haja vista que tal afirmação está a exigir – *a posteriori* – uma explicação que o leitor, ansiosamente, espera ser convincente. O que vem ocorrer, conforme já nos referimos, de acordo com o que preceitua o “código de honra” popular a respeito do crime ou pecado do adultério.

Outro aspecto da fala do narrador que chama a atenção na estória do “Duelo” é o seu caráter culto. Vez por outra o discurso narrativo se faz marcado por termos e/ou expressões pouco condizentes com o universo cultural enfocado pelo conto. É o caso do trecho seguinte:

E quando Turíbio Todo riscou um arco, do Aruá ao Cedro, Cassiano Gomes vinha precisamente em reta acelerada, e tocoulhe, amanhã e ontem, a trajetória, em tangente atrasada e em secante adiantada demais. Depois viajaram quase de conserva, perfeitamente paralelos, e ambos sentindo que estava chegando a hora da missa-cantada, e o fim de tanta caceteação.

Até que, bruscamente, as duas paralelas convergiram, no porto da balsa, onde um barqueiro transportava animais e pessoas a quatrocentos réis por cabeça e onde rolava, sujo e sem sombras,

mugindo no descampado, o Paraopeba – o rio amarelo de água chata. (D, p.148).

De modo claro e até surpreendente ao entendimento do leitor, o narrador acaba por estabelecer uma relação direta com o universo ou a ciência da Matemática. Mais precisamente, com o tópico da Geometria. O que vem confirmar determinado grau de sua cultura ou do seu conhecimento acerca de assunto a rigor “estranho” à trama por ele narrada.

Em tom de certa jocosidade para com o leitor – enumerando de forma exaustiva situações de desencontro das partes, cujo sentido nos é dado pelo uso flagrante do polissíndeto – o narrador quebra, ludicamente, a linearidade do tempo ao assinalar “amanhã e ontem” – “secante adiantada”/“tangente atrasada” – como índice de confirmação do citado desencontro dos duelistas que, a partir daí, passam a viajar “quase de conserva, perfeitamente paralelos”.

É esse mesmo narrador, totalmente envolvido pela dramática situação, quem nos informa que ambos os homens sentiam a chegada da “hora da missa-cantada”, mostrando-se como que incomodado com tal “correria, monótona e sem desfecho”, e esperando “o fim de tanta caceteação”.

À convergência brusca das “duas paralelas” segue-se, ainda como recurso para o prolongamento do suspense, uma informação desnecessária da parte da voz que narra: a da presença de um barqueiro, transportador de animais e de pessoas – “a quatrocentos réis por cabeça” – “no porto da balsa” (local do encontro de Turíbio Todo com Cassiano Gomes) ao longo do rio Paraopeba que, segundo o próprio narrador, era “amarelo de água chata” rolando “sujo e sem sombras, mugindo no descampado”.

Como nos é possível constatar, a situação acima descrita concorre para reforçar o ponto de vista desenvolvido ao longo deste artigo: o da freqüente disposição do narrador em sempre “suspender” a cena, inserindo-lhes comentários que, em princípio, nada dizem respeito à trama propriamente dita. Tal procedimento atende a propósitos, na nossa ótica conscientes, na construção de suspense. Fator essencial na motivação do interesse do leitor pelo fato narrado na estória do “Duelo”.

REFERÊNCIAS

- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 9. ed. (Póstuma). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967. (Coleção Sagarana, 1).
- GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do Conto*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios, 2).